

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

20 Anos do Projeto Esporte Talento (PET)

A identidade do atleta

História de [José Anibal Freitas Azevedo Marques](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 17/09/2015

P/1 – Bom dia, Zé.

R – Bom dia.

P/1 – Zé, você pode contar pra gente o seu nome inteiro, o local e data de nascimento?

R – José Anibal Freitas Azevedo Marques. Nasci em São Paulo em quatro de fevereiro de 72.

P/1 – Você nasceu em que hospital, você sabe?

R – Não, não lembro. Deixa eu ver, Santa Catarina talvez. Acho que Santa Catarina.

P/1 – Fala o nome do seu pai e onde ele nasceu também, em que data.

R – O meu pai é José Anibal Freitas Marques. Nasceu em nove de julho de 25, em Campinas. E a minha mãe é Luiza Laurino Freitas Marques, nasceu em 11 de novembro de 28 em São Paulo.

P/1 – E o que os dois faziam na época que eles se conheceram, você sabe?

R – Acho que sim. Tem que voltar um pouquinho, né?

P/1 – À vontade.

R – O meu avô veio da Itália pra cá, era militar, veio embora na pós-Primeira Guerra, conheceu a minha avó aqui no Brasil, em São Paulo. Quando ele veio pra cá ele se estabeleceu com comércio, ele tinha um armazém na ideia de vender o básico, grãos, carne, açúcar, essas coisas e constituiu família no bairro da Vila Mariana, aqui em São Paulo, onde minha mãe nasceu. Então a infância e adolescência da minha mãe foi nesse bairro, ali nos arredores do armazém, estudando, mas com aquele preconceito não só da época em relação à mulher, mas de um pai militar. E a minha mãe estudou até a oitava série na época, o que seria hoje o fundamental, terminou o fundamental. O meu pai, ele fez até o que hoje seria o final do ensino médio e não foi de pronto pra faculdade, então ele começou a trabalhar, fazer umas coisas até que percebeu que precisava da faculdade pra se estabelecer da maneira como ele gostaria. Quando meu pai estava do meio pro final da faculdade, se eu não me engano, já com 25 pra 30 anos, alguma coisa assim, ele conheceu a minha mãe porque a família do meu pai quando veio de Campinas pra cá se estabeleceu no mesmo bairro, era até próximo onde moravam, é até próximo de onde minha mãe mora hoje, inclusive. E se conheceram ali no bairro, essas festinhas do bairro, aquela coisa, os bailinhos que eles chamavam, se conheceram ali.

P/1 – Seu pai foi fazer o quê?

R – Foi fazer Direito. Meu pai se formou advogado.

P/1 – E quais são as origens do seu pai, de Campinas, o que o pai dele fazia?

R – Cara, o meu avô, não sei exatamente se ele era advogado também, eu acredito que sim. E a minha avó era dona de casa também, tinha essa função social da mulher na época, né? E não sei exatamente por que vieram de Campinas pra cá. A família era grande, uns vieram pra São Paulo, parte da família da minha mãe também foi pro Rio, então tinha polos em diferentes lugares, né? Mas não sei exatamente o motivo que trouxe parte dessa família do meu pai pra São Paulo. Eu acredito que um pouco da questão do mercado de trabalho, das oportunidades, a cidade em desenvolvimento, imagino que tenha sido isso.

P/1 – E você nasceu em 72. Você tem irmão?

R – Tenho. Eu tenho um irmão mais velho, chama Floriano. Ele nasceu em 68, também advogado hoje, estabelecido, com escritório e tudo o mais. E tenho dois outros irmãos de criação, na verdade são meus primos, irmãos entre eles, a Cláudia e o Carlos. É uma história da família em que meus tios depois de terem os três filhos, por questões de conflitos ali do casal, não estavam criando os três adequadamente. Nessa postura, cultura italiana do meu avô italiano, nascido na Itália, a minha avó de ascendência italiana mas nascida no Brasil, a minha avó essa coisa da maternidade, como era a família dessa minha tia, mãe desses dois primos que são irmãos de criação não tinha muita raiz em São Paulo e a família do meu tio ter essa história que eu contei, da família grande aqui, a minha avó entendeu como era responsabilidade, a lógica era responsabilidade do pai, do marido, de prover a família e como ele não estava fazendo isso a minha avó assumiu essa responsabilidade. Por conta desses conflitos familiares falou: “Você não pode fazer isso” e minha avó pegou os três pra criar. Mas na época a minha avó tinha de 65 pra 70 anos, o mais novo tinha seis meses, era um bebê. Então a minha mãe e a minha tia, irmã da minha mãe, cada uma falou: “Olha mãe, você não tem condição de criar mais três filhos com essa idade”, então a minha mãe pegou a menina, não lembro exatamente quantos anos tinha na época, eu acho que estava pré-adolescente. A minha tia, irmã da minha mãe, pegou o mais velho que deveria ter 13 pra 14 anos e a minha avó não quis abrir mão do bebê, falou: “Então o bebê fica comigo”, e ela criou o Carlos, que era o bebê. Ai cresceram, o primo se emancipou, o mais velho, a menina também e o Carlos, meu primo, ficou com meus avós até quando eles não tinham mais condição de criar e foi o ponto quando meu avô, o patriarca, toda essa história que eu contei faleceu e a menina já tinha saído da casa dos meus pais e a minha mãe pegou pra criar também o menino, o Carlos, que na época devia ter 16, 17 anos, alguma coisa assim, final de adolescência.

P/1 – Você tinha quantos anos?

R – Ele é cinco anos mais velho, eu tinha 11, 12. E daí foi pra casa e terminou até emancipar com meus pais. Então eu tenho tanto a menina, a Cláudia, quanto o Carlos, como irmãos de criação embora sejam primos.

P/1 – Entendi. E você foi criado onde em São Paulo?

R – No bairro da Vila Mariana. Toda a história da minha família, das duas na verdade, gira em torno desse bairro. O meu avô veio e se estabeleceu numa rua que se chama Major Maragliano e depois Morgado de Mateus, onde ele tinha um armazém, e meu pai numa travessa da rua onde minha mãe mora hoje, onde meu pai morava também antes de falecer. A rua chama Humberto Primo e a travessa chama Travessa Humberto Primo. Então elas têm a distância, a Morgado de Mateus e a Travessa Humberto Primo, onde era a base família da minha mãe e do meu pai tem uma distância de 400 metros, 500 metros no máximo.

P/1 – Tudo por ali então.

R – Tudo por ali. Então eu nasci e cresci ali no bairro, nas ruas. Estudei numa escola que chama Benjamin Constant, que é na Rua Eça de Queiroz, próxima da Humberto Primo, depois no Colégio Etapa, que é no mesmo endereço hoje da Rua Vergueiro, embora fosse bem menor do que ele é hoje. Então sempre ali pelo bairro.

P/1 – Vou voltar um pouquinho, como é que era a casa em que você cresceu? Você e os seus irmãos.

R – Eu cresci na casa onde a minha mãe mora hoje.

P/1 – Na Humberto Primo.

R – Na Humberto Primo, é um apartamento só que é um apartamento num prédio antigo, a gente ainda encontra alguns exemplares hoje. Então tem apartamento no térreo. Era uma casa num prédio porque apartamento no térreo tinha quintal no fundo, então é um apartamento não muito grande mas ele é amplo por conta das construções antigas, não tem essa construção por conta do processo civilizatório de cada vez mais, 12 metros quadrados pra você morar, né? Então é um apartamento legal, com quintal, jogava bola direto no apartamento, no quintalzinho, então eu tenho lembranças muito gostosas da infância. Uma proximidade muito grande com a minha mãe por conta de o meu pai trabalhar o dia inteiro fora e ela ter essa função social de cuidar da casa e dos filhos. Então eu ia pra escola, à tarde aquela coisa, lição de casa, e eventualmente fazia as coisas com a minha mãe, então ir à mercado, ficava com ela. E no final da tarde eu ia pro clube onde eu treinava futebol, jogava futebol, enfim, era uma rotina assim, tenho lembranças muito agradáveis.

P/1 – E como era o seu pai e a sua mãe dentro da casa? Você falou mais ou menos o papel de cada um mas como é que eles eram, o humor deles?

R – Eram papéis sociais muito claramente definidos, né? O meu pai trabalhando e a minha mãe cuidando da casa e dos filhos. O meu pai tinha uma postura mais firme da autoridade, da figura masculina, da figura paterna, mas o meu pai era uma pessoa muito terna. Eu não lembro do meu

pai ter me encostado a mão nenhuma vez, nunca. Lembro dele bravo, dele sendo enfático, sendo duro algumas vezes, mas nunca lembro do meu pai ameaçar em fazer alguma coisa em termos de agressão física. E que na época não era aceitável mas não era incomum, a gente não tinha uma estruturação social que cuidava muito de crianças e adolescentes como a gente tem hoje. Então eu lembro claramente de amigos, adolescentes falando, por exemplo, tirando uma nota baixa na escola e eu lembro especificamente de um que me assustava, acho que por conta dessa relação, que ele dizia o número de chineladas ou cintadas que ele tomaria por conta da nota. Então era algo do tipo: “Putz, se eu tirei quatro e eu tomei oito chineladas, com esse três, cara, eu acho que eu devo tomar umas 15 hoje”, isso era estranho pra mim. Eu lembro do meu pai nessa postura mas eu acho que essa era uma característica dele, por princípio, muito forte. E a minha mãe, a mãe mesmo, de cuidar, de proteger. Só que a gente aprendeu que o limite precisava ser muito bem respeitado. Porque o meu pai tinha essa postura que eu contei mas a minha mãe era muito explosiva, então na hora que a gente transcendia muito o limite e não tinha muita coisa, não. Eu não lembro da minha mãe bater também, mas eu lembro muito da gente correr porque ela vinha numa postura tão enfática que a gente não esperava pra ver o que ia acontecer, então a gente já saía. Mas eu tenho um marco pra mim de muita união e de muito respeito e de deixar claro os limites da onde a gente poderia ir, o que a gente não podia passar. Então a lembrança que eu tenho quando você fala dos meus pais em termos de humor é de oferecer pra gente muita segurança e proteção deixando claro até onde que a gente poderia ir, o que a gente não poderia transgredir. Então essas regras, normas, direitos e deveres, mesmo que não tão formalizados como por exemplo a gente vê hoje em postura educativa, em se falar de Estatuto de Criança e Adolescente, em direitos e deveres, mas que esse recorte era muito bem estabelecido por eles mesmos que não nomeados dessa forma.

P/1 – E vocês brincavam dentro de casa, você falou, mas vocês brincavam na rua também? Como é que fazia?

R – Ah sim, eu principalmente. O meu irmão desde muito cedo caminhou muito pro estudo, então estudava muito, ele se dedicava demais. E eu entendia muito a escola, é curioso isso até, porque é como eu trato hoje, não só com meus filhos mas com a minha profissão. Eu entendia muito a escola como uma instituição que fazia parte do meu processo de socialização, óbvio que não assim, mas eu entendia a escola era uma parte da minha vida, não era a parte principal da minha vida. Então eu tinha a escola, tinha os deveres da escola, mas eu brincava muito na rua. Eu aprendi muita coisa que faz parte da minha identidade hoje na rua. E não me arrependo em nada disso, acho que foi muito importante pra ser quem eu sou hoje, então, eu andava de bicicleta, eu jogava bola. A rua da escola que eu falei, a Eça de Queiroz, eu estudava num quarteirão que era entre a Rua Domingos de Morais, que é uma avenida importante hoje, grande, e a Rua Cubatão. Passando a Rua Cubatão, o próximo quarteirão que é um quarteirão grande também, era um quarteirão que morava muitos dos meus amigos da escola e era o quarteirão onde a gente passava tardes e noites, principalmente final de semana, brincando e fazendo coisas. Então bicicleta, skate, futebol. Tinha uma travessa que era mais plana que a gente jogava bola, a gente jogava bola na escola à tarde também. Então a rua fez parte do meu processo educativo com muita intensidade.

P/1 – Na sua casa vocês tinham uma educação religiosa?

R – Sim. O meu pai é católico por formação, a minha mãe também e o processo educativo era composto por essa educação religiosa necessariamente, independente de qual fosse ela, embora o Catolicismo fosse a principal dentre os meus pais. Então fiz Primeira Comunhão. O Benjamin era uma escola alemã, muito perto da minha casa na época tinha uma igreja alemã, bem perto mesmo, então eu fiz a Primeira Comunhão ali e tive essa formação. Eu lembro que no meio da adolescência pra frente, por volta de 14, 15 anos, eu comecei a questionar os meus pais, principalmente o meu pai, em relação a isso. Então, por exemplo, eu questionava, começou com uma questão de ordem mais prática. Por exemplo, eu comecei a questionar por que eu preciso ir todo domingo à missa? Então a minha reflexão partiu daí, o que significa isso. Porque em alguns momentos, pra mim, eu não verbalizava assim, mas pra mim em alguns momentos soava como uma penitência e daí eu comecei a refletir e a fazer alguns questionamentos desse tipo. Então eu comecei com a questão prática e depois assim, falar: “Cara, eu quero muito assistir o jogo de futebol, por que eu preciso ir à missa se eu quero assistir muito jogo de futebol? Eu não posso rezar em casa? Você não pode me contar o que aconteceu lá?”. E a partir daí essas questões da religião começaram a se desenhar com um outro caminho pra mim ao longo do processo.

P/1 – E outra coisa, política entrava na sua casa muito também ou não era discutido?

R – Sim, sim. Entrava muito, principalmente por intermédio do meu irmão e do meu pai. Porque o meu pai se formou em Direito mas ele seguiu toda a carreira na administração pública, então isso era muito presente. O meu pai era assessor jurídico na prefeitura, a prefeitura ainda funcionava no Parque do Ibirapuera, então as conversas eram muito presentes em refeições, embora eu pescasse pouco no meu início de adolescência, mas depois você começa a compreender melhor. O meu irmão crescendo também, se envolvendo na política, rolavam discussões no sentido positivo da palavra com o meu pai dizendo as coisas, questionando e tal, então era muito presente em casa, sim.

P/1 – Queria voltar um pouco pra falar da sua primeira lembrança na escola. Você se lembra como foi entrar lá?

R – Na escola, eu tenho duas lembranças. Uma que é da pré-escola, eu estudei numa escola que tinha na época, o jardim, até o jardim educação infantil. A escola era numa casa, chamava Escola Viver e eu tenho lembranças desse lugar. Eu passo às vezes na porta da casa ainda hoje, não é mais escola, mas eu tenho lembranças desse lugar. E daí uma lembrança marcante que eu tenho foi quando eu saí e fui fazer o pré, que antecedia a primeira série já nessa escola, no Benjamin Constant. Foi uma ruptura muito grande porque eu estudava numa casa, literalmente, que tinha um quintal com um parque e eu tinha aulas numa sala com tapete, aquelas coisas, era uma escola montessoriana então tinha o seu tapetinho e tal, aquelas coisas. E daí eu vou pro Benjamin, que não é uma escola gigante mas a passagem foi muito grande pra mim. Porque a pré-escola do Benjamin Constant era no mesmo prédio mas num local separado, mas você entrava pela escola, então eu entrei num universo absurdo no pré que era com seis anos de idade, então, eu tenho essa lembrança de entrar num local gigantesco e ficar um pouco assustado. Eu falando pra vocês essa imagem me vem à cabeça. E depois eu tenho a lembrança da saída do Benjamin pro Etapa, e daí não é em termos de tamanho mais, mas em metodologia. A passagem do Benjamin Constant, de uma escola da comunidade alemã que tem muita questão de autoridade eu lembro, eu estudei pós ditadura militar numa escola alemã, então tinha coisas muito marcantes ali, né?

P/1 – O quê, por exemplo?

R – Eu não entendia porque eu chegava e precisava cantar o hino, por exemplo.

P/1 – Do Brasil?

R – É. Fazer ordem unida a escola inteira no pátio cantando o hino nacional. Eu fazia isso muitas vezes divertia, brincava na fila, mas quando eu pensava no que eu estava fazendo eu não compreendia muito bem. E tem dois motivos isso, acho que um é a ação, então você organiza pessoas em fila, então você tinha que fazer ordem unida na frente e do lado, então você tinha distâncias, isso pra mim era muito estranho. Por que eu tenho que conservar a mesma distância do sujeito da frente, atrás e dos lados? Era estranho. E depois porque nunca ninguém falou o que era aquilo, a gente chegava não era todo dia, acho que era primeiro dia do mês, último dia do mês, todos os meses, e a gente chegava e tinha que fazer. Nunca ninguém chegou e falou: “Olha, a gente canta o hino nacional por tais e tais motivos”.

P/1 – Era automático?

R – Você tinha que fazer, então isso era estranho.

P/1 – E tem algum professor que te marcou lá? Desculpa, você ia falar.

R – Tem. É, e daí a outra coisa é o seguinte, tinha essa coisa da escola alemã, mas era da comunidade alemã, tinha essas coisas que marcavam negativamente mas era acolhedor. Você sabia os professores, você sabia até quem era bravo, quem não era, os meandros, os caminhos que tinha, então você cresce nessa esfera comunitária. Quando eu fui pro Etapa a ruptura foi grande porque era assim: “Amigo, você entrou pro mundo adulto, você tem três anos aqui pra escolher a faculdade que você quer fazer e a gente vai botar você dentro da faculdade que você escolher”. Isso pra mim era meio bizarro porque eu entrava com 15 anos eu falei: “Não, não tenho ideia de faculdade que eu quero fazer. Como é que eu vou fazer pros caras me colocarem numa faculdade que eu não sei qual é?”. Só que lá não tinha muito acordo, eu lembro até hoje que eu não tinha num bimestre, se eu somar tudo em um ano eu não era avaliado durante um mês porque você tinha uma semana de intervalo nos bimestres sem avaliação, porque tinha três professores de Matemática, três de Química, quatro de Física, três de História, então você tinha prova todos os dias. Isso era muito esquisito porque era um ambiente ascético, salas classificadas por desempenho. Eu entrei na segunda ou na terceira, eram quatro ou cinco salas por ano, eu acho que eu entrei na segunda, no final do primeiro semestre do primeiro ano eu estava na terceira, no segundo ano eu estava na última e não saí mais da última, até acabar. Fui reprovado no segundo colegial e voltei pro Benjamin pra fazer o segundo e o terceiro ano. E daí quando eu voltei pro Benjamin eu me senti em casa novamente, tive um desempenho muito bom, um pouco por conta do etapa, um pouco por conta de me sentir bem no lugar, em nenhum momento no Etapa eu me senti à vontade, eu me sentia bem, era um ambiente aversivo pra mim.

P/1 – E você teve professores que te marcaram no Benjamin e no Etapa?

R – Tive. No Benjamin eu tive alguns, eu tive um professor de Educação Física chamava Alberto, ele é histórico lá no Benjamin, acho que ele está lá até hoje. E marcou assim, não é nem muito pela qualidade de aulas e tal, mas é porque ele era uma pessoa emblemática na escola e porque ele era professor de Educação Física e Esporte. E Educação Física e o Esporte permeiam a minha vida desde pequenininho por várias questões diferentes até hoje, né? Eu sou psicólogo e trabalho com esporte, então o esporte sempre permeou. Então o Alberto, o apelido dele era Piu, ele foi marcante. Eu tive uma professora de Química, chama Jamile, quando eu saí da escola ela assumiu até a coordenação lá e tal, não sei se ela ainda está lá, mas é porque eu tive essa professora na volta do Etapa e ela me marcou pelo seguinte, no Etapa, por essa ideia de entrar no vestibular, voltava um pouco aquela coisa do hino nacional, da ordem unida. Você não tinha muita explicação de que a coisa acontecia, principalmente nessas disciplinas, os caras te davam a aula, explicavam, aí tinha as musiquinhas pra você decorar fórmula porque isso era funcional no vestibular. E a Jamile me fez gostar de Química de uma forma que eu nunca imaginei na vida porque ela explicava como as coisas aconteciam, ela relacionava com o seu cotidiano, ela te dizia, por exemplo, que o cloreto de sódio era sal de cozinha. Essas coisas me seduziam muito, então ela me marcou. No Etapa eu tive um professor de História, chamava William, chama inclusive, eu encontrei com ele pouco tempo atrás, ele era um professor muito bom e ele tem uma história muito peculiar. Era um professor de História, ele passava isso, ele gosta muito daquilo que ele faz, ele tinha aulas muito boas e quando ele já era professor do Etapa, não meu mas do meu irmão, meu irmão estudou lá também, ele sofreu um acidente de moto e perdeu um braço. E situação muito difícil, quase morreu e tal e ele voltou a dar aula e a fazer aquilo com o mesmo prazer que ele sempre teve e sem remeter a essa situação como algo que o dificultasse ou impossibilitasse. E com o agravante de que a aula dele, ele falava, ele gesticula demais, ele fala demais, ele não é teatral, não chega a esse ponto, mas ele sempre... e ele continuou fazendo isso sem um braço, né? Então ele ficou só com essa parte e ele continuava fazendo a mesma coisa e é uma cena muito diferente quando você vê. Mas ele fazia isso com o mesmo prazer, com a mesma vontade, eu conversava com o meu irmão, com o que ele sempre fez. Então, além da aula dele ser muito boa foi um cara que me marcou muito. E mais um de Química, no Etapa, que chamava Saliba. A aula muito boa também, ele despertou o interesse pra Química e a Jamile completou com essa história que eu contei, mas ele me marcava porque as avaliações pra mim eram muito complicadas, era uma situação meio surreal, é isso que eu falei, você ser avaliado todo dia, então todo dia você tinha uma prova diferente. E o Saliba também não gostava disso, ele era meio avesso, a gente conversava um pouco às vezes, mas obviamente ele não questionava a metodologia da escola e tal, mas ele ficava daquele jeito, assim, meio: “Porra, é verdade”. E eu lembro que as provas dele, ele dava a prova e abria um jornal na hora daquela coisa de palanque. Ele ficava no palanque e ele distribuía a prova, explicava e abria um jornal. E esse jornal tampava, o rosto ia até aqui e ele ficava. E ele dava minutos, segundos e de repente ele fechava o jornal, fazia barulho e falava: “Lucas, eu estou vendo o que você está fazendo, você para”. E abria o jornal de novo. E daí fechava o jornal: “Menina, você aí do fundo, você...”, e ele não estava vendo coisa nenhuma, cara, ele estava lendo jornal, mas ele ficava fazendo esse terrorismo e tinha um determinado momento que não dava pra segurar o riso porque assim, depois que ele fazia duas, três vezes isso ele não falava mais nada, mas ele só fechava o jornal. E quando ele fechava o jornal, quem estava colando começava a derrubar coisa, se ajeitava na cadeira, pulava. E ele ria muito, cara, e a sala ria. Porque ele não estava preocupado se o cara estava colando, se não estava, ele fazia daquele ambiente um ambiente menos aversivo do que ele sentia que a turma toda estava daquela maneira.

Porque como eu falei, eu já estava nessa época na última sala. Então imagina o que é você pensar em adolescentes de 16 anos saberem que eles são os piores da escola e estão rotulados. Eu não esqueço o número da sala até hoje, era sala 43. Então os caras falavam: “Th, ó lá, é da sala 43”, e tinha virado já a grãia quando alguém não sabia alguma coisa. Então se tinha alguém da primeira sala que não pegava ou não aprendia: “Ô malandro, você é da sala 43? Por que você não consegue fazer?”. Então o Saliba tornava aquele ambiente menos aversivo para um bando de adolescentes que estavam ali com uma finalidade mas que eram rotulados como os piores da escola, né? Então, porra, quando você entende o que o cara fazia, ele te marca de uma maneira muito positiva, muito bacana.

P/1 – E amigos, você fez muitos no Benjamin Constant, primeiro?

R – No Benjamin, sim. Eu não tenho hoje amigos de lá, contato e tal, mas tem pessoas que você acaba conversando via Facebook, e-mail, encontra, alguns poucos. Do Etapa tem um que permaneceu, perdi contato recentemente que é o Sérgio Kuroda que estava na foto, é, mas poucos, é mais amigos da faculdade.

P/1 – Do Benjamin Constant você saiu na oitava série, né?

R – Saí, em 86 eu saí do Benjamin, em 87 fui pro Etapa.

P/1 – Mudou o quê, o que você fazia pra se divertir, do Benjamin pro Etapa? Porque você já está na juventude, já está começando a...

R – Cara, eu acho que foi um pouco natural, assim, as baladinhas de adolescente que aumentam um pouco por conta de você ir ficando um pouco mais velho, né? Mas nada muito diferente, radical. O futebol sempre fazendo parte, o esporte em geral, futebol em particular, sempre fazendo parte do meu cotidiano de diversão, então por exemplo, quando eu estava no Etapa eu jogava no Ipê, que é o clube que eu jogo desde pequeno, e do Ipê tinha uma danceteria no próprio clube que eu encontrava muita gente do Etapa, por exemplo. Então eu jogava bola sábado à tarde, já ficava no clube direto, tomava banho, me trocava, ia lá pra esperar começar e encontrava com o pessoal ali na entrada do clube, daí a gente entrava e passava. Então não muda muito a não ser o que mudou na idade de você com 12, 13, 14 anos o que você podia fazer e era possível e de 15, 16, 17, 18, que você já pode frequentar alguns lugares diferentes. Era danceteria, os barzinhos da época, não fugia muito disso. E o esporte.

P/1 – Alguma coisa te marcou dessa época? Dos bares ou da música?

R – Cara, eu acho que esse lance da danceteria lá do Ipê, de juntar galeras do clube e da escola, do Etapa na época e depois do Benjamin também, né, porque eu voltei a fazer o segundo e terceiro anos lá no Benjamin. A turma que vai se constituindo. Nesses ambientes de diversão essa questão da escolha da profissão, que virou assunto, que antes não virava. Era as meninas, era o que vai fazer, era, porra, não pode beber demais. Era o amigo que está com carro. E daí os papos começam a ficar: “Putz, e aí, você decidiu o que você vai fazer?” “Pô, difícil” “Ah, eu quero fazer Medicina, pô, mas tô meio com receio, é difícil demais” “Porra, eu pensei em fazer Psicologia” “Porra, mas e aí, o que teus pais falaram?”, esse tipo de coisa, que vai conciliando as turmas e os assuntos, né? Mas acho que não fugia muito de um padrão meio, nada muito específico. Tipo de música, que eu cresci um pouco num ambiente musical por conta desse meu primo, irmão de criação, o Carlos. Ele toca violão e como meu irmão teve muito essa pegada de estudar e querer a profissão, estar muito focado nisso, eu me aproximei, na minha adolescência, muito desse meu primo. Então ele tocava violão, os amigos iam tocar também, aí eu fazia uns batuques, aí tinha um outro que tocava baixo, tinha um cara que tocava bateria. E era não uma banda, mas se formava muito passando pela música popular brasileira, então eu cresci muito nesse ambiente musical com esse viés, então era a música que mais me agradava. Tanto é que a danceteria, que era o eletrônico, era New Order, Information Society, que eram as bandas da época, eu ia por conta, tocava e era balada, mas não era o tipo de som que eu mais gostava, então tinha essa diferença, mas o evento em si me seduzia mais do que o tipo de música propriamente.

P/2 – Só pra dar uma pontuada, você já falou em alguns momentos que o esporte permeia sua vida desde sempre. Então dá uma pontuada pra gente como foi esse encontro com o esporte na infância, essa questão de frequentar clubes, fala um pouquinho.

R – Então, o que aconteceu foi o seguinte, e daí eu acho que tem uma relação com o meu pai que é muito forte pra mim, muito bacana e marcante, inclusive pra minha vida profissional. O meu pai tinha o seguinte raciocínio, ele trabalhava, como eu falei, o dia inteiro e tinha dois filhos. E ele entendia que fazendo com que os filhos ocupassem o tempo num clube praticando esporte, a probabilidade da gente ter relações mais saudáveis seria maior. Era um raciocínio simples mas muito preciso, né? Porque quando você pensa num clube social do tamanho do Ipê, hoje o Ipê está muito moderno, um clube muito bacana, mas eu lembro de eu jogar bola com seis anos de idade, cinco, seis anos de idade, então eu estou com 43, vocês imaginem 35 anos atrás, um pouco mais, um pouco menos do que isso. Um clube pequeno, tinha um campo de futebol, uma quadra, um bar e uma piscina, não tinha nada muito mais do que isso. Então num clube pequeno você vai formando amizades e dessas amizades você sai e vai comer pizza com as famílias e vai dormir na casa do amigo, então, o raciocínio dele era esse. E ele queria que praticasse esporte, o meu pai jogou futebol mas ele nem jogou tanto tempo, jogou até moço, mas meu pai jogava tênis na época, então não é uma coisa, ‘tem que ser futebol’, mas o futebol imperava ali e foi pra onde eu e meu irmão seguimos. Então eu comeci a jogar futebol nessa idade, seis, sete anos e comeci a ter essas experiências de formar equipe, de jogar, de disputar competição, e foi ao longo de toda a minha infância e adolescência. Só que como era um clube pequeno a gente disputava um campeonato, chamava Campeonato Interclubes, que é Ipê, São Paulo, Pinheiros, Indiano, Paulistano, ABB, Alphaville depois de um tempo. As equipes de sócios, não as equipes de categoria de base do São Paulo, nesse nível. E a gente sempre tinha um desempenho médio-baixo, então a gente se equiparava com as equipes médias, empatava, perdia, vencia às vezes, e São Paulo, Pinheiros, Indiano e Paulistano de ano pra ano variava, uma equipe um pouco mais competitiva, um pouco menos, mas via de regra era perder, perder, perder e das equipes mais fortes sempre de sacolada. E ficava comigo isso de falar: “Cara, por que a gente insiste, né? A gente continua jogando, a gente continua disputando competição”. Quando você é menor, compreensível, mas quando você é adolescente, pô, o cara desiste. “Cara, eu vou jogar basquete, eu vou jogar tênis, eu vou nadar, eu não quero mais saber de esporte”, sei lá por quê. Mas a gente gostava de fazer

aquilo. E eu lembro até hoje com os amigos que eu jogo no Ipê ainda hoje, a gente conversa às vezes, a gente um ano tinha acho que 15 anos, alguma coisa assim, tinha um técnico de futebol de salão que a gente gostava muito, chama Roberto, e que resolveu colocar a gente na federação, entrava na segunda divisão da Federação Paulista, então era aquela coisa, você passa a ser federado, né? Na época se disputava competição escolar quem era federado não podia jogar. E isso era uma moral incrível, né, porque apesar de você não poder jogar o campeonato da escola, mas: “Meu, eu não jogo porque eu sou federado”, então você era o superrusso. Então todo mundo: “Pô, a gente vai ser federado, a gente vai ser federado, vamos lá jogar”. Cara, eram dois turnos o campeonato, Campeonato Paulista da Federação de Segunda Divisão. Eu lembro de placares de 18 a 1, 15 a zero. E cara, a gente continuava querendo jogar aquele negócio. E isso foi me chamando muito atenção porque fala: “Cara, o que”. E daí vai passando o tempo e você vai percebendo. O que nos seduzia era a convivência, era o grupo, era participar do desafio, era entrar em cada jogo achando que a gente podia vencer mesmo tendo perdido de 18 o anterior. E daí esse ano eu estou contando porque foi muito marcante porque quando começou o segundo turno eram as mesmas equipes, obviamente, e a gente terminou também em último ou penúltimo. Só que a gente não perdeu nenhum jogo mais de 18,15, 16, nós empatamos dois e vencemos um. Eram vários jogos, talvez 15. Nós empatamos dois, vencemos um, perdemos os outros 12, mas nenhum mais com esse placar. E essa integração do grupo, essa coesão e esse objetivo comum que a gente tinha fez com que o nosso desempenho melhorasse. Obviamente junto com os treinamentos, mas não era possível em um ano você ter uma evolução desse tamanho, se não fosse essa coesão e esse: “Galera, a gente não pode, cara. Desses 18 gols que a gente tomou, pelo menos dez é porque a gente, porra, ou é corpo mole, ou a gente não está sacando o que o outro está fazendo, ou porque a gente não está com uma equipe de fato coesa. Cara, vamos dar sangue aqui, porra, não deixar os caras jogarem. Se perder, perdeu, mas porra, vamos”. E a gente passou por experiências muito difíceis. Por exemplo, eu lembro hoje de um jogo que a gente foi jogar no Guapira, era Zona Norte, um clube tinha duas quadras assim e eu lembro até hoje, era uma arquibancada que dava pras duas quadras e estava tendo um jogo de um campeonato interno numa quadra e estava lotado, todo mundo assistindo. E a gente chegou pra jogar contra o Guapira. Quando a gente chegou e foi entrar na quadra toda a arquibancada virou pra cá pra assistir o jogo do Guapira contra a gente. A gente nunca tinha passado por uma experiência dessas de estar numa quadra que tinha, sei lá, mil pessoas assistindo o jogo. Então, na hora que a gente olhou falou: “Nossa senhora, e agora, o que a gente vai fazer?” E jogamos, perdemos, um jogo disputado e tal. E como já era esse segundo turno que a gente estava disputando de igual pra igual, em alguns momentos a gente ficou na frente, empatava, estava um jogo difícil. E um determinado momento o técnico pede tempo, o nosso técnico, e fala assim: “Rapaziada, é o seguinte. Eu não sei nem como falar isso direito pra vocês, mas cara, eu estou com medo da gente ganhar esse jogo”. A gente: “Como assim, cara? Medo de ganhar esse jogo?”, não sei se era o primeiro, não lembro, mas era. Ele falou: “Cara, vocês estão vendo essa arquibancada toda aí? Está complicado, cara, eu estou sozinho com vocês aqui. Eu tenho receio de que alguma coisa possa acontecer com vocês, eu sou responsável por vocês, eu não estou pedindo pra que vocês percam, mas enfim, a situação é essa, eu precisava falar com vocês”. Como a gente já tinha 15, 16 anos, a gente sacou o que era, ninguém fez corpo mole mas a gente desistiu daquela pegada. Acabamos perdendo o jogo, tal. Mas tudo isso, cara, foi amadurecendo a gente de tal forma que vai fazendo com que a gente comece a enxergar a vida de uma outra maneira. Eu estou contando tudo isso pelo seguinte, o Ipê, por intermédio do ambiente esportivo, ele era um clube pequeno e que se a gente quisesse a gente continuaria vivendo numa bolha ali dentro. Porque é um clube pequeno, mas é um clube de, na época classe média que vivia ali, que a gente não vivia muito a realidade que o mundo nos apresentava. Participar dessa competição fez com que a gente encarasse a realidade como ela é, inclusive com situações como essa. Isso nos amadureceu demais, nos fez ver a vida de outro jeito. Então isso foi formando a minha identidade muito por aquilo que eu sou hoje. E daí, quando eu chego na faculdade de Psicologia eu começo a tomar gosto pela profissão e tenho pra mim uma única certeza, que é eu quero trabalhar com algo que me dê prazer, eu não quero nunca trabalhar com algo que eu faça porque vai me dar dinheiro, porque vai me dar meu sustento e que eu faça arrastado. E aí eu chego na união da psicologia com o esporte, que permeia a minha vida inteira, que me ensina. Eu estou contando passagens pontuais, mas que me ensina a entender como que o esporte, o potencial que o esporte tem na vida das pessoas, independente do que elas façam, de ser um atleta de alto rendimento a ser um cara que pratica atividade física porque entende o benefício da saúde, mas eu concilio o esporte e a psicologia por conta de toda essa história e começo a trabalhar com psicologia do esporte e consigo atingir esse meu objetivo que é de ter muito prazer naquilo que eu faço. Eu nunca pensei que pudesse passar por isso mas, trabalhando com psicologia do esporte eu tiro períodos de férias por conta de uma necessidade de dar uma desligada de atividades profissionais, cotidiano, às vezes é maçante, exige demais. Mas se eu tivesse uma forma de revigorar psicofisiologicamente de outra maneira eu não tenho a menor necessidade de tirar férias porque eu gosto demais daquilo que eu faço. Então quando você fala do esporte permear eu acho que tem todo esse caminho que passa inclusive aqui pelo PRODHE, de trazer prazer praquilo que eu faço, pra minha vida, pra construção da minha identidade.

TROCA DE FITA

P/1 – Você estava falando da trajetória do esporte na infância. Quando é que você resolveu juntar com a Psicologia. Foi no Etapa?

R – Não, foi na faculdade já. Porque tem um momento da faculdade, a gente até brincava, no meio do terceiro ano, que é ou você abraça o negócio ou você desiste. Muita gente parava de fazer. Pelo seguinte, os dois primeiros anos, embora tivesse mudado o currículo, não fosse na PUC, tinha uma época que era um currículo comum pra todos os cursos, um ano eu acho, se não me engano. Mas nesses dois primeiros anos você tem muita disciplina geral. Então você tem Filosofia, Psicologia Geral, as bases epistemológicas, etc. No primeiro semestre do terceiro ano você faz umas disciplinas um pouco mais específicas mas ainda com uma característica mais ampla. No meio do terceiro ano você começa a direcionar a sua formação, então você faz uma escolha de uma disciplina, mas que já dá um pouco a cara daquilo que você quer fazer, porque quando você escolhe essa disciplina você não faz outras. Vou dar um exemplo mais radical só pra entender. Você tem uma disciplina que vai pra Psicanálise e você tem uma disciplina que vai para Análise do Comportamento, são coisas totalmente distintas. A partir do momento que você escolhe a Análise do Comportamento ou a Psicanálise, é possível você voltar e retomar, mas fica muito mais difícil. Se você fez essa escolha depois de dois anos e meio, pra você retomar e voltar é complicado, então você começa a direcionar. Na hora que você olha e fala: “Putá, eu não sei o que eu escolho”. Muita gente falava: “Cara, eu não sei o que eu estou fazendo aqui, eu quero ir embora”, enfim. No quarto ano e no quinto você organiza a tua formação. Então você tem núcleos que atribuem, eu não lembro exatamente, mas era Clínica, Educação, Saúde e Organizacional, acho, quatro anos. Então quer empresa, ou consultório, escola ou ambiente educacional e hospital e tal. Você vai fazer esses quatro núcleos. Em cada um dos núcleos são três disciplinas, acho que eram dois estágios, então era coisa pra caramba pra você fazer mas você já direciona o que você vai fazer. E no quinto você escolhe dois. Então ali, por exemplo, se você escolhe Educacional e Clínica, Hospital e

Organizacional você não tem mais até você se formar. Então pra você se inserir em mercado de trabalho nessas áreas depois é quase impossível. Quase porque você pode retomar, fazer um curso por fora e tal. Mas se você organizou o seu curso, você ficou um ano e meio, quase dois anos sem saber quais as tendências, por exemplo, do mundo organizacional e tal. Pra você retomar isso, se formar e trabalhar com isso. Ah, e além disso você começa a cuidar de monografia no quarto ano, no quinto você executa. Então eu tinha que escolher monografia no quarto ano, eu já vinha direcionando a minha formação e a escolha do tema da monografia é muito, eu já pensava nessa coisa do prazer, né? Eu falei: “Cara, eu não vou fazer uma monografia, que eu faça uma monografia legal e que coloque na biblioteca e vá fazer outra coisa”. E daí pesquisando, conversando, estudando e chega nesse ponto de: “Cara, se eu faço um estudo sobre esporte, mas daí como eu concilio a psicologia?” E daí entra um marco importante na faculdade que é um professor que ele não dava aula pra graduação, ele dava aula só pra pós, mas a gente tinha uma disciplina que abordava teoria dele, que é a teoria da identidade, o nome dele é Antônio da Costa Ciampa, coincidentemente pai de um grande amigo meu da época da faculdade. E eu tenho uma disciplina que a gente estuda essa teoria dele, a questão da identidade e eu concilio as coisas pensando como que se dá o processo de construção da identidade de um atleta de alto nível. Faço esse trabalho na monografia e daí pesquisando e estudando eu começo a direcionar. Eu me formo em 96, então isso é 95. Faço a monografia. Aí me formo, apresento a monografia, no final de 98 eu entro aqui. Em 2000 eu vou fazer o mestrado em que eu estudo a questão da identidade do adolescente do projeto Esporte e Talento. Então eu tenho duas vertentes muito interessantes unidas pelo mesmo tema. Porque simplificada, eu não vou explicar qual é a essa teoria, mas a ideia da identidade que o Ciampa apresenta é assim que a nossa identidade é muito dinâmica, ela está em constante metamorfose, representada basicamente pelos papéis sociais que a gente tem na vida. Então você tem um papel social como filho, você tem um papel social como pai, você tem um papel social como professor, como aluno, enfim. E eles têm características diferentes, mas eles são representados pela mesma pessoa, né? Então se a gente, nesse dinamismo, a gente consegue fazer a relação disso que é subjetivo e o que é objetivo, de você passar desses papéis sociais de um pra outro, de se movimentar neles. Por exemplo, eu não posso me comportar com os meus filhos como se eu também fosse um filho, porque eu represento uma figura de autoridade a eles. É aquela coisa de, cara, o barco está afundando, o capitão tem que manter a calma e saber que vai afundar, mas colocar todo mundo nos botes com tranquilidade, tal”. Não adianta: “Galera, o barco está afundando, pula todo mundo senão nós vamos morrer”. Você causa o desespero ali. Então, como que você desempenha os seus papéis sociais transitando de um pra outro, ou se é a mesma pessoa, né? Então é muito interessante ver a construção da identidade de um atleta de alto nível que já tinha parado de jogar e que conta, entre outras coisas, inclusive como foi quando ele percebeu que ele não poderia mais jogar, né? E uma hipótese presente ali, o Ciampa traz na teoria, que é da cristalização do personagem, que é assim, o cara para de jogar mas ele se apresenta como jogador de futebol. Pô, ele parou de jogar, ele não é mais jogador de futebol, ele é uma figura representativa dessa época, uma figura importante, mas ele não joga mais. Então por que é? Olha, eu sou Fulano de tal, jogador de futebol? Então interessante pensar nisso, foi por aí que eu fui. E a construção da identidade do adolescente aqui, do projeto social que tem o esporte numa outra medida, mas que faz parte dessa identidade que ele tem hoje. Tendo essas duas vertentes ali, isso me possibilitou pensar a partir dessa questão da identidade como que a coisa ia progredindo, então quando eu entro aqui eu tenho esse outro viés que me permite olhar pro esporte a partir de dois estudos de caso, de uma maneira mais ampla. Quando eu tenho essa conciliação da Psicologia com o esporte eu permito que haja uma evolução da minha atuação como psicólogo, porque isso pauta muito as minhas ações. Então, por exemplo, recentemente eu trabalhei com uma equipe de futebol de alto nível, disputa Campeonato Brasileiro de Futebol. Mas eu olhava com essa lente, então eu não vou chegar pro cara e tratar exclusivamente da questão da identidade dele, eu preciso trabalhar com performance, então eu preciso ver como que a Psicologia contribui pra melhora da performance desse atleta, porque esse é o contexto que ele está, mas eu olho a partir dessa construção da identidade do cara. Então como que esse cara está inserido nesse contexto pra melhorar a performance. Eu já recebi falas do tipo: “Cara, eu faço qualquer coisa pra melhorar”, e o oposto do seguinte: “Cara, eu estou aqui, eu estou recebendo o meu salário, mas estou totalmente insatisfeito e eu estou a fim de sair, o que eu faço?”. Então um que fala: “Cara, eu passo por cima de mim pra continuar aqui”, e outro que fala: “Cara, eu estou vendo que eu quero ser outras coisas, não de largar o futebol, mas eu quero dar dinamismo para a minha identidade e, cara, me ajuda que eu não estou sabendo como fazer”. Então isso vai permeando essa minha trajetória e hoje todos os trabalhos que eu faço inevitavelmente eu volto pra essa lente porque é o que me move, né? Pensar que o que é mais importante é que o cara dê dinamismo pra identidade dele pra que ele possa seguir a vida dele, o processo de desenvolvimento que é interminável.

P/1 – Então acha que a identidade do jogador é uma coisa que limita a pessoa, que ele pode ficar só naquela, que nem você falou, o cara se aposenta mas se apresenta como sendo...

R – Como possibilidade sim por conta daquilo que eles experimentar. E daí eu vou fazer uso de uma fala que o Romário fez que me marcou demais quando ele parou de jogar. Primeiro que estou falando do Romário porque pra minha geração tem alguns jogadores que marcaram muito, anteriores a ele, o Zico, Falcão, o Eder, são jogadores que marcaram muito pra mim, mas o Romário como atacante, ele foi algo que eu particularmente nunca vi. Tanto é que Pelé e ele fizeram mais de mil gols, ninguém mais, então acho que isso é algo que diz o que o cara foi. Então pra quem gosta de futebol o Romário é quase divino. E perguntaram pra ele, eu não lembro exatamente a pergunta, mas assim, se sentia falta quando ele parou de jogar, de jogar, de fazer gol. E ele deu uma resposta que foi muito marcante pra mim, ele falou: “Cara, eu não sinto saudade de treinar, de jogar, de estar num time, de não poder mais fazer isso. O que eu sinto saudade é de entrar no Maracanã e ouvir aquele barulho”. Então isso eu acho que diz muito da identidade porque trabalhando com futebol eu já perguntei pras pessoas que fizeram gol em estádio lotado e o que eles falam é o seguinte: “Cara, você não tem ideia do que é isso. Você não tem ideia de entender o que uma ação sua pode causar em milhares de pessoas. Então você fazer um gol numa Copa do Mundo, aquele barulho que você escuta no estádio, você amplifica pra milhões de pessoas. Você está interferindo na vida de milhões de pessoas”. Então, quando você passa por essa experiência você assume um lugar que é transitório, mas que você causa aquilo. Pra tua identidade isso, você ir de um “eu mexo com milhões de pessoas”, e “eu mexo com dezenas”, é uma coisa que é muito representativa. Então eu acho que por essa situação, e a gente está falando do esporte, mas eu acho que existem outras situações em que você passa por situações semelhantes, por vivências semelhantes, eu acho que a possibilidade é maior de você estabelecer essa cristalização. Porque, pô, é aquela brincadeira de que músico faz em show, né? Particularmente eu não gosto, eu não sou uma das pessoas que repete, mas que o cara fala uma palavra e a plateia repete. Aí tem a música (cantando) “A ê”, aí o outro: “A ê”. Cara, isso é poder. Você está no palco com um microfone na mão. Pega um microfone, sobe no palco e faz a e. Você vai ouvir uuuuu, né? Só que o cara faz e todo mundo repete. Então, essas pessoas eu acho que tem uma. “Cara, eu não dou mais show, eu faço a e aonde, no telefone, pras pessoas repetirem? Pro meu filho pequeno?”, então experimentar essas situações no esporte eu acho que é muito significativo. Então a possibilidade talvez aumente. Agora um problema grande que a gente tem que eu acho, que é o cuidar da formação dessas pessoas e daí vou fazer o recorte do esporte. Então não é

cuidar da formação pra ele se tornar um atleta, é cuidar da formação pra ele entender o que é ser um atleta. E eu acho que isso muda radicalmente, inclusive em termos de performance, né? Mas muda, por exemplo, pro cara entender que é uma situação transitória. Eu posso trabalhar com Psicologia do Esporte enquanto eu conseguir me comunicar e a minha cabeça funcionar. Se eu tiver 90 anos, conseguir me comunicar de alguma forma e a minha cabeça tiver clareza daquilo que eu tenho que fazer eu posso trabalhar com psicologia do esporte com 90 anos, um atleta não pode.

P/1 – Ele tem que entender isso.

R – Ele tem que entender isso. Mas ele não é preparado pra isso em nenhuma situação. Eu conheço raríssimos casos em que isso acontece, mas raríssimos mesmo, eu não estou sendo só enfático. A imensa maioria não se preocupa com isso. Porque a lógica do esporte nacional hoje, e vem mudando, ainda bem, mas a lógica do esporte nacional hoje é, por exemplo, melhorar o quadro de medalhas da Olimpíada que é aqui no Rio, por exemplo. O Comitê Olímpico está preocupado com isso. Ele não está preocupado em como fazer pra que isso aconteça como uma consequência de um processo de formação. Então quando você pensa em construção de identidade, isso é perigosíssimo. Por essa lógica eu acho que aumenta a possibilidade do cara se cristalizar naquilo, daí ele tem que parar e falar: “E agora, eu faço o quê?”.

P/1 – E é pensando nessa formação que você veio atuar aqui no PET, foi isso então?

R – Da metade do meu tempo aqui pra frente sim, no início não. No início eu queria uma oportunidade pra trabalhar com esporte, que não existia.

P/1 – Você começou como aqui?

R – Eu comecei como estagiário em Psicologia, não remunerado, porque apareceu a oportunidade de contribuir para um grupo específico aqui do PET na época com psicologia. Existia uma professora, Henriette Morato, do Instituto de Psicologia aqui da USP e eu espero não errar o sobrenome dele, mas era um outro professor, que era Luis Lilienthal, que trabalhava junto com a Henriette. Esses dois tiveram essa ideia e foram contratar estudantes ou não de Psicologia que tivessem interesse para trabalhar como estagiários aqui. O PET funcionava com quatro modalidades: futebol, basquete, handebol e canoagem. Tinham grupos de manhã e à tarde e a ideia era que esses estagiários de Psicologia, de acordo com o período escolhido, atuassem em um grupo. Então eu fui pro futebol, era um grupo de 30 ou 40 adolescentes, eram divididos por faixa etária, tinha um grupo mais novo, um grupo mais velho, se não me engano, eu fiquei com o grupo mais velho e a ideia era meio que a partir do referencial geral que a Henriette e Luis orientavam com supervisão do nosso trabalho, acho que uma vez por semana também, a gente pensar no que fazer e como atender de acordo com os objetivos do projeto e tudo o mais, basicamente era isso. Aí eu entrei aqui como estagiário, e eu e outras pessoas também que entraram, a gente tinha uma certa inquietação, eu tenho isso, né? Eu não consigo me enxergar, por exemplo, trabalhando numa empresa por dez anos que eu faça coisas muito parecidas. Então a gente ia oferecendo coisas, dando retorno pra Henriette e pro Luis do que fazer, o que a gente achava que poderia ser feito. Eu já estudava a questão do esporte desde 95, aí eu entrei no final de 98. Em 99 já teve uma reestruturação. Eu assumi a função de supervisor desses estagiários, então a gente passou a contratar, descentralizou de Luis e de Henriette porque eles tinham milhares de coisas pra fazer também. A Henriette atendia mestres, doutores, dava aula no IP, tempo pra isso era escasso pra ela, então a gente assume essa função e começa a coordenar as equipes, entende que precisaria de estagiários de outras áreas, não só de Psicologia. Podia ter gente de Pedagogia, podia ter gente de Educação Física. Se eu não me engano Educação Física já tinha quando a gente chegou, não tenho certeza mas eu acho que sim. E daí a coisa vai se desenvolvendo até que eu assumo a coordenação de Psicologia e daí já tem um quadro bastante diferente como fruto desse processo, então a gente desenvolvendo trabalho interdisciplinar com educadores, estudantes de Pedagogia, Psicologia, Educação Física ou Esporte sob a nossa coordenação acumulando funções de coordenação de Psicologia e coordenação de grupo, tendo coordenadores de grupo que não acumulavam função, mas daí de estruturar o atendimento nesses grupos manhã e tarde nas quatro modalidades, mas romper um pouco essa lógica de modalidades, né? De oferecer uma vivência mais ampla por conta dessa vivência motora mais ampla, estabelecer divisões por faixas etárias pensando num processo de desenvolvimento global mas com recorte do esporte aqui, né? E daí faço essa caminhada de estagiário até a coordenação de Psicologia.

P/1 – O que mudou antes e depois de ter o acompanhamento psicológico aqui no PET? No cotidiano, no dia a dia com os alunos?

R – *Cara, eu não atribuiria a mudança a ter o acompanhamento psicológico. Eu atribuiria a mudança a ter um trabalho interdisciplinar. Então, a psicologia cuidava de um aspecto do desenvolvimento que é específico, em termos de você pensar, de relações sociais, do trato comunicativo, de como que eu organizo essas minhas relações, de como que eu trabalho questões da minha própria afetividade em relação ao outro, em relação a mim mesmo. Mas isso não é possível se eu não tenho a integração, por exemplo, em discutir qual é o processo pedagógico, como que eu posso fazer uma estruturação para desenvolvimento motor, para desenvolvimento esportivo. Quando eu penso em desenvolvimento humano eu não penso em desenvolvimento psicológico, eu não posso fazer isso. E não posso não porque não sou habilitado, é porque não funciona. Eu não posso pensar pessoas com relações saudáveis dizem respeito à psicologia ou ao aspecto psicológico, isso é parte do desenvolvimento humano. Então, há especificidades a se cuidar? De fato há. Se eu vou pensar, por exemplo, no desenvolvimento motor eu posso ter um conhecimento disso, mas eu não tenho conhecimento aprofundado e específico como profissional de Educação Física e de Esporte tem. Então se eu quero oferecer uma prática de alta qualidade pras crianças e pros adolescentes que participam daqui, e participavam na época, eu preciso ter profissionais e preciso ter um trabalho de alta qualidade. E pra que eu tenha isso eu preciso da integração dessas áreas. Eu não vejo, por exemplo, trabalhando com psicologia do esporte hoje, eu não vejo a psicologia do esporte hoje como uma área em si mesma, isolada, eu vejo como uma área em relação necessariamente, né? Em qualquer situação. Num processo de formação esportiva da mais tenra idade ao atleta de altíssimo nível que vai disputar a Olimpíada. Tem uma preparação psicológica específica? Tem. Mas por exemplo, hoje eu atuo em alto rendimento com processo psicofisiológico. Então eu vou fazer um trabalho com biofeedback que me dá algumas informações de frequência cardíaca, resposta galvânica da pele, que é do suor, sistema nervoso autônomo, que a gente estuda um pouco neurologia, estuda um pouco em psicologia, mas a literatura médica. Eu vou estudar sobre coerência cardíaca, eu não vou fazer um eletrocardiograma ou diagnosticar potenciais casos de problemas cardíacos, isso não é minha tarefa. Mas quando eu vejo na literatura médica isso e monitoro a frequência cardíaca vendo

funcionamento de sistema nervoso autônomo e percebo, por exemplo, o engessamento desse sistema nervoso autônomo, eu sugiro que o cara procure um médico pra fazer uma avaliação, entende? Eu não consigo estar isolado. E essa é a maneira como eu trabalho. E daí que técnica de intervenção eu vou oferecer pro cara? A respiração, então quando a gente fala de processo cardiorrespiratório, a respiração promove um equilíbrio desse seu sistema nervoso autônomo, você tem diversos tipos de respiração, você tem um processo de relaxamento ou de ativação desse sistema nervoso autônomo que você controla ou estimula por intermédio da respiração, eu posso fazer isso.*

TROCA DE FITA

R – E quando eu tenho que fazer esse controle por intermédio da respiração eu estou mexendo com monte de coisas, né? Então é uma ação específica minha, que eu estou analisando, habilidade psicológica que ele tem, por exemplo, em concentrar a atenção, em tomar decisão, mas isso envolve uma série de processos que não permitem que seja isolado e separado. Então, pensando aqui no contexto do PRODHE, do antigo PET, quando a gente estava nesse processo a gente percebia que promover o desenvolvimento humano carecia da inter-relação de todas as áreas pra pensar como que essas atividades conduziriam ao objetivo que a gente tinha.

P/2 – Agora eu queria brincar um pouquinho com a sua memória, tentar resgatar três momentos aí, então seriam três perguntas mas você pode responder. Primeiro, quando ficou sabendo que o PET existia? Que momento, você lembra mais ou menos a situação. Segundo, como foi o processo de seleção? Se você lembra de vir aqui fazer uma entrevista pra esse estágio. E por último, como foi o seu primeiro dia aqui, você lembra?

R – Cara, acho que eu lembro de tudo, vamos lá. Eu fiquei sabendo da existência por intermédio de um amigo, do Sérgio Kuroda, que conheceu o Mauro que era o psicólogo do Instituto de Psicologia daqui da USP que estava coordenando as atividades aqui. E a gente veio por conta da psicologia do esporte, se eu não me engano fazer um grupo de estudo no Instituto de Psicologia e estava indo embora e coincidentemente a gente passou aqui na avenida da raia e o Mauro, esse cara, estava fechando o cadeado do portão. E o Sérgio falou pra mim: “Esse aí que é o Mauro que coordena as atividades do PET, cara. É um projeto bacana, tal, de repente valesse a pena a gente conhecer”. Eu fiquei sabendo da existência assim. Teve um processo seletivo, teve uma entrevista com a Henriette e com o Luís no Instituto de Psicologia. Era um processo seletivo grande até, eu lembro de encontrar algumas pessoas, não que eu conhecia, mas que estavam participando do processo e de ter feito a entrevista e de ter tido um retorno meio que imediato da Henriette, não da aprovação ou não mas aquela coisa de: “Pô, gostei muito de você”, e saí empolgadão achando que ia dar certo. E eu não sei se eu lembro exatamente do primeiro dia, mas eu lembro do primeiro ou dos primeiros, quando eu chego no grupo de futebol, era o grupo mais velho como eu falei, e o técnico que acabou se tornando amigo, que era o Paulo Martins, e a curiosidade é que hoje eu atendo um grupo de ginástica rítmica e aeróbica no São Paulo e a filha dele faz parte desse grupo que eu atendo lá, curiosidades da vida. E eu lembro dele chegando pra mim e falando: “Pô, bem-vindo, tal”, me apresentou pro grupo e a partir que ele deu atividade ali, que os caras foram fazer, ele chegou em mim e falou: “Cara, esse grupo aqui é complicado, é pesado, os caras têm cara aí, tudo gente boa mas tem cara aí que olha, vai ser difícil, cara, precisa muito da tua ajuda aí”. E daí depois você fica sabendo o que é, coisas de cotidiano que a gente lidou aqui, todo tempo que eu fiquei aqui, de envolvimento com tráfico, de histórico de violência, mas isso sempre me seduziu muito, de entender como as coisas aconteciam pra poder oferecer uma contribuição. Mas eu lembro claramente, nesse campo aqui a gente saindo aqui, o campo da frente, não o estádio, o campo da frente fez a rodinha ali com o grupo, me apresentou, deu a atividade e ali no mesmo lugar ele teve essa conversa comigo, estava um dia muito bonito de sol e eu acho que é uma benção você trabalhar num lugar assim, principalmente quando está tempo bom, calor, né cara, você trabalha num ambiente cheio de árvore, muito legal, então isso eu tenho a fotografia, me marcou muito.

P/1 – Quais eram os problemas mais comuns aqui com os educandos quando você chegou, que você teve que tratar já?

R – *Cara, os mais comuns são de violência familiar. Na época das mais variadas formas. Eu acho que esse era o mais presente. E daí quando a gente pensa no tema geral é violência. E acho que a violência representada pela desigualdade de direitos e deveres, acho que tudo derivava daí, pra mim. Então você pode ter caso de abuso sexual, de agressão, de forçar a trabalhar no tráfico porque a família trabalhava, ou o tio que provia a família inteira gerenciava o tráfico e daí: “Porra, eu gosto muito do moleque e aí? Não vai trabalhar comigo?”. O moleque que era extremamente agressivo e daí quando você vai ver é histórico de agressão do pai com a mãe, da mãe com o pai, na escola. Enfim, sempre gira em torno disso, que eu acho que é o problema maior que a gente tem na nossa sociedade hoje, em vários níveis, que é a desigualdade de direitos e deveres.*

P/1 – Como vocês tratavam isso aqui?

R – Cara, a ideia que a gente sempre pensou era a seguinte, quando você pensa num processo de socialização, eu acredito que existem dois momentos: um, que ele é nuclear, que são as primeiras nomeações que são feitas pra criança do mundo, então as pessoas, relações, instituições. Só que você começa com coisas. Então essas primeiras nomeações a criança aprende a falar bola porque você mostra a bola e fala bola e ela vai aprendendo isso, né, o mundo vai sendo nomeado pra ela. Um segundo momento, que daí normalmente é simbolizado pela entrada na escola, que é uma instituição socializadora, uma instituição responsável pelo processo de socialização mais formal que promove um certo rompimento, então você tem o nuclear, onde você nasce e cresce e daí você está naquela esfera aí, então é, sei lá, do berço, do lugar onde você dorme, até o teu vizinho, as ruas, o quarteirão e tal. Aí você vai pra escola e na escola você vê gente de todo lugar, você confronta com outros modelos. A tendência é que quando você se confronta com outros modelos é que você volte pro nuclear, né? Então se alguém chega e fala pra você: “Isso é uma pizza”, você fala: “Pera, não. Meus pais, sei lá quem, nomearam isso como bola, que pizza, mano? O que você está falando de pizza?”, então você confronta pra, óbvio que o exemplo é cru mas é pra ficar clara a ideia. O que a gente pensava? Que a gente ofereceria um modelo pensando a figura de uma instituição que contribuiria para o processo de socialização, pra que ele voltasse pro modelo nuclear e pudesse refletir a respeito. Quem apresenta essa teoria original são dois autores ingleses. Então na Inglaterra a tendência e a avaliação que eles faziam era que quanto mais harmônico esse confronto, mais saudável, porque supõe-se que a criança inglesa saia do seio familiar, vá para uma escola e daí o pai fale bola e na escola fale bola, e daí dá essa sincronia, beleza, está tudo caminhando bem. Aqui no Brasil, e principalmente o público que a gente atendia – eu não acho que é só o público que a gente atende, mas eu acho que são em níveis diferentes, mas não vem ao caso agora, se couber a gente pode

até discutir isso depois – a gente não tinha muito a ideia de harmonia, porque com essa temática que como você perguntou dos maiores problemas, as maiores situações, a gente oferecia um modelo que normalmente era diferente daquilo que ele vivia, não em todos os casos, mas em grande parte deles. E o que eu pensava era que oferecer esse modelo e fazer com que ele entrasse em conflito e eu ajudasse a estimular a reflexão pessoal, ele podia ir nomeando o mundo de uma outra forma, então era essa a minha ideia. Por exemplo, isso é óbvio mas eu quero reforçar a ideia, eles nunca eram agredidos aqui, só que por várias vezes... várias vezes não, mas eu já fui ameaçado de morte aqui por um garoto. E quando você é ameaçado de morte, qual que é a expectativa que o garoto tem? Porque de fato eu não acreditei que ele fosse me matar, mas a expectativa que ele tem é que nesse movimento da agressividade, a tendência e o normal é que a pessoa aceitasse a ameaça e se acolhesse, ou se encolhesse, ou fugisse disso. Então qual é o modelo que confronta com isso? É você devolver de: “Cara, você pode até me matar, mas isso você não vai fazer aqui”, porque ameaça de morte era pela repulsa que eu tive de uma atitude dele, “aqui isso não funciona assim”. E isso confronta, fala: “Não era o que eu esperava, ele tinha que fugir, mas ele não fugiu. E agora, eu faço o quê? Então nesse trato, no cotidiano, era importante que isso acontecesse. E nomear pra ele o seguinte: “Eu não sei o que acontece fora daqui, aqui dentro a coisa não acontecesse assim, porque eu respeito você e você precisa me respeitar, é assim que a gente organiza as nossas relações. Se você me ameaça de morte eu não vou te ameaçar de morte também, eu não vou falar: ‘Eu vou te matar antes’, mas eu não vou permitir que você fale isso pra mim porque você precisa me respeitar da mesma forma como eu te respeito”. E você começa a desconstruir um único modelo presente que é o da agressão. Mas isso não significa não ter postura incisiva, firme, dura, e muitas vezes até bastante conflituosa. Eu por várias vezes tive que conter fisicamente adolescentes. Porque ele estava botando em risco a vida dele, a integridade física dele, a estrutura física do local e a integridade física de outras pessoas que estavam ao redor. Qual era a ideia da contenção física? Segurar, não permitir que isso acontecesse, esperar se acalmar minimamente pra que a integridade física dele e dos amigos e dos professores fosse preservada. E daí isso é o limite, né? Eu posso ficar puto, eu posso ficar bravo, eu posso xingar? É uma forma de desrespeito, mas você quer fazer isso, você está descontrolado você pode fazer. Machucar o teu amigo, professor, o colega, destruir o CEPEUSP, o patrimônio público, isso você não pode fazer. Você ficar ali me xingando o tempo inteiro? Vai ser extremamente desagradável, eu vou pedir pra você se retirar depois de um tempo, se você não se retirar talvez eu precise pedir para um segurança do CEPEUSP pedir pra você se retirar até o momento que você vai ter que ser posto pra fora das dependências daqui, numa escala de ações. Mas se você está xingando, tudo bem. Se você vai querer destruir as coisas, socar teu colega, eu não vou permitir. Então várias dessas coisas iam oferecendo um modelo de relação social diferente, que não combinava com o modelo agressivo, embora muitas vezes acontecessem coisas desse tipo, pra que confrontasse e percebesse que pode ser diferente e que funciona sendo diferente, mesmo com várias situações de conflito. Era essa a ideia, em linhas gerais, de tratar essas questões.

P/1 – Entendi.

R – Entendeu?

P/2 – Eu ia te perguntar, você entrou no PET nesse momento de mudança, então você atua aqui como psicólogo e tal. Queria saber como foi recebido pelos educandos essa atuação de um psicólogo, não ter mais apenas um treinador ou um educador, mas também um psicólogo ali do lado.

R – No começo foi bastante difícil, foi estranho até pra eles. Eles perguntavam várias vezes: “Cara, o que você faz aqui?”. Porque a gente estava junto, o psicólogo não dá o treino, embora eles entendessem o planejamento, eles vinham aqui, a gente instituiu depois de um tempo um dia de planejamento, mas é muito abstrato, né? “Ah, planeja as atividades” “Mas meu, vocês não dão atividades, vocês não estão juntos jogando bola”. Mas depois de um tempo, quando eles começaram a ver como é que a coisa foi se estabelecendo eles entendiam mais o que a gente fazia, embora não propriamente o que o psicólogo faz. Eu lembro que teve uma época mais pro final, quando eu estava na coordenação, que os adolescentes falavam assim: “Ó, se você continuar desse jeito você vai descer lá pra salinha pra falar com o Zé”. O que era a salinha? Não era a minha salinha. É a sala ali, da entrada, só que o ambiente que a gente tinha, que eu podia colocá-lo numa situação de privacidade pra tratar da questão com ele. É uma agressão eu expor qualquer um dos adolescentes e das crianças, mesmo que calmamente, em alguma coisa que ele tenha feito que não foi bacana, ou de desrespeito. Só que acabava assumindo a salinha porque é o modelo que eles têm na escola. Então ele busca: “Você vai pra salinha falar com o Zé”. E daí o Zé começou a se tornar uma figura de autoridade que era o cara que, sei lá, dava bronca, no início. Só que ao mesmo tempo o Zé era o cara que na hora que o bicho pegava era normalmente o cara que eles buscavam recorrer. Por que isso? Por conta do respeito. Que mesmo em situação em que eu comunicava, teve uma situação que eu junto com o Márcio, a gente comunicou o desligamento de três adolescentes, cara.

TROCA DE FITA

R – E foi uma das situações mais difíceis que eu já passei aqui. Mas mesmo isso foi feito com muito respeito, né? Porque você pode chegar, a situação foi de uma sequência de ações desses adolescentes, muitas, muitas ações durante muito tempo, que a gente hierarquizou algumas ações controlando isso, aumentando, até o momento em que o diretor do centro chegou pra mim e pro Marcos e falou: “Eu não quero mais eles aqui”. E daí você não tem mais o que fazer. A gente argumentou com o cara e ele: “Cara, isso que vocês estão falando eu já fiz”, e era verdade. “Não, mas veja bem, o que a gente faz” “Mas isso que vocês estão falando eu também já fiz”, a gente não tinha. Então você podia chegar e falar: “Olha só, cara, a gente está avisando vocês há um baita de um tempo, pega as coisas e vai embora”. Mas isso foi feito com muito respeito, explicando pra eles mais uma vez o que tinha rolado e tudo o mais. Então eu acho que essa relação mesmo tinha momentos de tensão, cara, momento de bater boca mesmo, com adolescente mais velho. Os pequenos nem tanto, mas os mais velhos, de bater boca, de discutir, mas que não existiu uma falta de respeito com a pessoa, é uma reação de o cara vai extrapolando até uma hora que você fala: “Ô malandro, você está maluco?”, precisa de uma linguagem que se entenda, não dá pra você chegar pro cara e falar: “Olha, você está transgredindo normas estabelecidas”. Na hora, eu acho que isso é uma coisa muito importante, a linguagem que você utiliza. Mas isso sempre foi feito com muito respeito. E o retorno que a gente tem depois de muito tempo dos que saíram, inclusive desses caras, é muito bacana. De ter aqui como um espaço marcante da vida e de coisas que eles aprenderam pra sempre, né? E eu lembro até hoje de um dos adolescentes que perdeu o pai e que tinha em mim uma pessoa que podia ajudá-lo muito nesse processo de perda, do que fazer e tudo o mais. E ver, via Facebook também, que ele está fazendo muitas das coisas que ele

dizia que ele gostaria de fazer aqui quando a gente conversava e tal. Então isso é muito bacana, de achar o rumo que eles têm e que estão seguindo. Mas eu acho que essa era a base de ter mesmo no conflito uma relação de muito respeito com eles pra eles entenderem que existe um modelo que funciona diferente de um modelo que eles conhecem e que pode ser incorporado e atuado, eu acho que esse foi o grande, não segredo, mas a forma de pensar em como contribuir para a construção da identidade deles.

P/1 – Teve algum aluno que te marcou aqui?

R – Alguns.

P/1 – Um que você possa falar pra gente.

R – A Natália que foi a pessoa com quem eu fiz um estudo de caso do meu mestrado. Pela pessoa que ela era e porque quando eu fui fazer o estudo de caso a história dela se revela pra mim e daí ela se faz mais especial. Porque ela era uma menina sensacional e a história de vida dela muito sofrida. Eu desconhecia, sabia um pouquinho, mas quando eu fui fazer a pesquisa desconhecia em que nível, isso fez ela uma pessoa muito especial. Deixa eu ver quem mais. O Carlos Alberto foi um adolescente bastante problemático aqui, bastante problemático mesmo, causou problemas sérios, mas esse desafio de tratar com ele me fez crescer muito e hoje eu vejo que ele está mais, sei lá, aprumado assim, isso ajuda bastante a gente a entender que o trabalho foi bem feito. O Pepe, que é esse garoto que perdeu o pai. Ele era um garoto muito expansivo, zoava pra caramba, mas na hora que a coisa se aproximava assim, de tomar decisões, de fazer as coisas ele se comprometia com isso e era tido como um garoto que, porra, é difícil, é difícil, é difícil, mas comigo ele tinha essa relação. O Caique que foi um garoto com um histórico de violência bastante complicado também, não sei como que está hoje, perdi contato de não ter ideia, mas foi um desafio bastante grande. E tem algumas meninas, assim, mas que não tem uma situação muito particular, mas por conta de serem mulheres e nessa história do cotidiano de violência e dessa desigualdade acho que a mulher sofre demais, né? Porque a gente via aqui com as educadoras a representação social que os meninos tinham da mulher, que é uma representação social da nossa sociedade em geral e desse mundo específico em particular, né? A mulher é tida como a pessoa que é menos importante, que cuida da casa e dos filhos, que é o objeto de desejo sexual, que tem uma função social menor, só que quando se falava da mãe era o único xingamento que imediatamente levava pra porrada. Quando um xingava o outro de filho da puta era na hora. Quando começava de outro jeito, ia bate-boca, às vezes virava, às vezes não, e isso era uma coisa muito maluca na minha cabeça. Porque às vezes o que xingava de filho da puta era o que mais tratava a mulher como algo, digo, o que ficava bravo, era o que mais tratava a mulher como qualquer coisa. Mas essas meninas era um grupo, eu não vou lembrar de todas, da Babi, a Júlia, a Stefani, que daí era outro grupo, mas de ver o processo de crescimento dessas meninas aqui dentro, de começarem a se entenderem como autoras da vida mesmo. Então, ôpa ôpa, pera aí, como assim? Não, não é. Então essas meninas me marcaram muito. Eu coordenei acho que um ano ou dois o grupo mais velho dos adolescentes, então fazia trabalho de orientação profissional, e o crescimento e desenvolvimento dessas meninas me marcou também. Era um grupinho ali, que eu não lembro o nome de todas.

P/1 – É muito pelo trabalho que vocês fizeram.

R – Pelo trabalho que todo mundo fez, né? Eu tinha um trabalho pontual com elas mas esse trabalho precisava ter eco no dia a dia delas aqui, né? Então não era um trabalho meu porque se a coisa não funciona dessa maneira como eu expliquei antes esse modelo que vai confrontar no processo de socialização não funciona, porque daí é o Lucas, é o Zé, é o Marcos, não é o PET. E eles têm a imagem do PET, eles não têm a minha imagem ou a imagem do Marcos, precisa que a coisa funcione dessa maneira.

P/1 – E você estava quando virou de PET pra PRODHE?

R – Estava.

P/1 – Qual que foi a mudança, o que mudou no projeto?

R – Cara, foi uma mudança estimulada por muita coisa, né? Por todo o processo que a gente veio desenvolvendo ao longo do tempo, dessa que eu falei, das modalidades, divisão por faixa etária e vai crescendo. Teve uma influência significativa de um distanciamento e de um desligamento do Instituto Ayrton Senna que passava por uma questão financeira, que impossibilitava o atendimento que a gente tinha. A gente chegou a atender aqui 600 crianças e adolescentes nos dois períodos, a gente tinha 300 de manhã e 300 à tarde.

P/1 – Em que ano, mais ou menos?

R – Cara, nesse ano que eu falei das mudanças aí, 98, 2000, começo do ano 2000 talvez, 2002, 2003, até, sei lá, 2007, 2008 talvez, não sei exatamente. Quando eu sai já não tinha mais. O Marcos é bom pra essas datas, acho que pra pegar essa informação é legal com ele. Mas obviamente não tinha todos os dias essa capacidade, mas era o número de vagas que a gente tinha, então você tem desistência, oscila e não dá pra você ficar fazendo admissão permanente, então deve ter oscilado entre 500 e 600 somando os dois períodos. A gente tinha uma capacidade grande, a gente tinha grupos grandes nos dois períodos. E daí você esbarra numa questão financeira, nesse processo de evolução metodológica, tal, e daí vai sendo conduzido a isso, chega num ponto que a gente não tinha mais dinheiro pra atender uma capacidade grande, vem numa evolução metodológica de pensamento das coisas que você não quer parar. Então você fala: “A gente vai largar tudo isso que a gente construiu” e precisava fazer alguma coisa que juntasse essas coisas. Uma de desejo que era dessa evolução teórico metodológica e outra involuntária que era não tem dinheiro pra fazer. Busca financiamento aqui, ali, patrocinador, a USP, o Cepe, o instituto, de forma menor, até o ponto que não tinha mais nada. E daí não dava pra fazer e precisava se tornar em algo e daí o PRODHE vem assim de um, bom, o que a gente faz então pra multiplicar essa ideia? Então a gente reduz o atendimento máximo possível e conserva um grupo que pode continuar produzindo isso pra disseminar de outras formas. Então por exemplo, eu estava conversando com a Paula recentemente, tem um movimento pessoal, individual dela,

mas que tem a sua origem aqui, né? A Paula hoje compõe uma comissão temática junto ao Ministério do Esporte que vai orientar as diretrizes de um Programa Esportivo Nacional que ela pode levar o que foi produzido aqui ao longo de todos esses anos. Então veja que nível que se chega, né? Então você pode dizer que o que o PRODHE produziu está ajudando a compor um Sistema Nacional de Esporte. Se a gente tivesse desistido na época provavelmente isso não acontecesse, ou essas ideias que foram produzidas nos últimos anos não chegassem porque a Paula não estaria aqui, né? Mas chegou. Então quando eu falo que tem individual porque é a coisa da identidade, a Paula não tem só esse papel social que ela representa, só que no processo de desenvolvimento dela como profissional, ela tem 20 anos também. O PET, o PRODHE fazem parte da identidade dela com muita força quando você pensa em a Paula como uma profissional do esporte, entende? Então ela está levando isso pra lá também

P/1 – Quem é Paula?

R – A Paula Korsakas, que trabalha ainda aqui hoje, que coordena aqui junto com o Marcos, o Mike, o pessoal. Então essa mudança e a ideia foi de conservarmos esse núcleo pra produção mesmo que o atendimento seja reduzido pra gente disseminar de outras formas, essa é uma disseminação extremamente significativa, né?

P/2 – Mas pra gente deixar claro aqui na entrevista, se você pudesse falar um pouquinho sobre essas siglas, o que significa PET, PRODHE, se você tem alguma lembrança de como surgiram esses nomes.

R – Sim, o PET não porque eu não estava aqui, mas sei que era* o Projeto Esporte e Talento que nasce da ideia do Ayrton Senna quando começou a... Voltar um pouquinho, o PET, Projeto Esporte e Talento, é o primeiro projeto que nasce da ideia do Instituto Ayrton Senna logo após a morte do Ayrton, quando começa o Instituto Ayrton Senna, de lançar projetos, programas que atendessem crianças e adolescentes que praticassem esporte. A partir de uma ideia do Ayrton Senna de que se ele teve a oportunidade e se tornou o piloto que ele se tornou ele pensava quantas crianças que se tiverem uma oportunidade no esporte podem se tornar simbolicamente pilotos como ele, simbolicamente, porque piloto, jogador de futebol, vôlei, basquete, esporte. O Ayrton, ele treinava com o Nuno Cobra aqui, no Cepeusp, preparação física, etc, família de São Paulo da Zona Norte e tal. Treinava aqui. Então quando o Ayrton morre e começa o Instituto Ayrton Senna, o primeiro projeto a ser fundado com essas características, atender crianças, adolescentes e tal foi aqui no Cepeusp. E foi o Projeto Esporte e Talento. Com esse nome por conta disso, talentos do esporte, a ideia dele, então tem esse nome por isso. E daí fica PET ao longo de todo tempo. Quando tem essa passagem de reduz atendimento, forma um núcleo de pessoas que vão continuar estudando, pesquisando, tentando disseminar a ideia de um esporte aqui como foi construído ao longo de todo o tempo, ele muda muito as características porque você não tem o atendimento dos talentos, do esporte, você não vai fazer mais isso efetivamente. Você vai atender crianças e adolescentes, número reduzido, mas não vai fazer. E daí se pensa num programa, a ideia do desenvolvimento já vem sendo construída há bastante tempo com o Instituto Ayrton Senna, antes do Instituto Ayrton Senna sair e tudo o mais, a proposta era de trabalhar o desenvolvimento humano e daí se chega à ideia do Programa de Desenvolvimento Humano pelo Esporte, e por isso a sigla PRODHE, PRO o programa, DH desenvolvimento humano pelo esporte. E daí essa nomeação.*

P/1 – Você sabe como é que está funcionando o PRODHE hoje, se ainda está similar com quando mudou de PET pra PRODHE?

R – Exatamente como está funcionando eu não sei te dizer, eu já sei há algum tempo. Eu sei que tem o atendimento reduzido, é um número pequeno de crianças e adolescentes, não sei dizer também como que as atividades estão sendo gerenciadas, aí eu não sei te informar. O que eu sei é que esse grupo continua ativo e trabalhando nessa ideia de disseminação e produção dessa concepção de esporte, que na minha opinião é diferencial mesmo porque é difícil, você não encontra pessoas que entendam esporte dessa maneira, muitas pessoas que entendam o esporte dessa maneira, e qual a participação pontual dessas pessoas desse núcleo em espaços diferentes a coisa vai tomando vulto, ela vai tomando corpo. E pra quem participou de um pedaço, pra quem conversa um pouquinho, você vê nitidamente que a coisa sai daqui, né? É claro isso, pra mim é claro isso. Algumas pessoas no meio do caminho, não só daqui, buscam o crédito pra si, né, mas enfim, pra quem produz sabe da onde sai, qual é a ideia, por que da produção assim. E é muito bacana ver que isso está chegando nesse nível. Agora exatamente o funcionamento eu não saberia te dizer, de atendimento.

P/2 – Queria saber em que momento você saiu do programa, trabalhar efetivamente aqui e como foi esse momento pra você?

R – Cara, vocês já devem ter percebido ao longo do tempo, eu sou péssimo com datas, cara, eu precisei pensar pra caramba que ano que eu casei, né cara, é uma vergonha, mas enfim. Eu acho muito mais importante eu lembrar dos momentos do que lembrar da data em que isso aconteceu. Eu tenho a noção, 2000, 2001, 2003, isso aqui é 2015. Quando eu saí eu me arriscaria a dizer 2008, 2009. Eu fiquei nove, dez anos, foi uma coisa assim, então entrando em 98, 2008, 2009, entre final de 2008, pode ser 2007, sempre vocês botam um n mais ou menos um aí que dá certo. Foi nesse período. A minha saída foi bem difícil, na verdade, porque foi o lugar em que eu fiquei mais tempo, profissional, é um lugar que você conserva muito carinho, acho que por conta de tudo isso que eu falei. Mas por outro lado era um lugar, e daí não é o PET ou o PRODHE, aí eu vou remeter à administração pública, que você não vê muita, chega num ponto que o teu potencial acaba sendo tolhido de certa forma. E por que? Porque eu só me sentia valorizado por esse núcleo aqui, por todo o resto não. Então, por exemplo, o que eu penso? O Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo era pra ser um centro de referência de pesquisa e desenvolvimento do esporte absurdo, pro mundo. Por quê? Você tem um Centro de Práticas Esportivas com uma estrutura como essa que você não acha em nenhum outro lugar, assim você não encontra, com essa dimensão, com quatro campos de futebol, quadras que eu nem sei te contar de cobertas e descobertas, são dois, três, cinco mais quatro módulos que são quadras cobertas, cinco descobertas, piscina, tanque de salto, essa estrutura você não encontra assim, ali. Raia, canoagem, você não acha. Embora a raia deslocada mas faz parte do centro. Então era pra ser um centro de pesquisa e desenvolvimento do esporte absurdo. Não é por conta dessa ideia de que basta a gente fazer mais do mesmo, de cuidar de coisas, de permanecer na mesmice e de não promover crescimento, não incentivar pesquisa com financiamento em estrutura, de não ter uma organização e um funcionamento que estimule com que estudantes das faculdades possam oferecer o serviço e promover o desenvolvimento no esporte. Por exemplo, se você parar pra pensar, eu vou pegar aqui de cabeça e a gente consegue fazer de todas. FEA, Psicologia, Pedagogia, Farmácia, Medicina, só pra pegar essas cinco que

me apareceram na cabeça. FFLCH, História, Filosofia e tal. De pessoas que possam se interessar pelo esporte, cada uma na sua área, estabelecer – olha o que eu estou falando, simples, dá pra ir muito mais além – estabelecer um programinha de estágio em que você tenha as pessoas produzindo coisas, ou como uma monografia, ou como abertura de campos de atuação. Imagina aonde você para? Entendeu? Administração esportiva. Sem falar da Faculdade de Educação Física e Esporte. Equipes que você pode formar, você pode desenvolver treinamento. Estudos. Quando eu falei Medicina, você vai da Ortopedia a controle de dopagem, você tem milhões de coisas que você pode fazer. Então com uma estrutura dessas era pra ser um centro de referência. Na minha opinião é inadmissível não ser. É inadmissível. É inadmissível, por exemplo, a gente gastar uma fortuna que é necessária para impermeabilização da arquibancada aqui com a Poli a 500 metros daqui. A gente tem uma das melhores faculdades de engenharia do país e a gente não consegue resolver o problema de infiltração de água na arquibancada? Como isso é possível? Você sabe quem que resolveu essas telhas da sala de onde a gente está? Um cara que trabalhava aqui, que nem é engenheiro. A gente brincava que o apelido dele era MacGyver porque ele sempre resolveu essas coisas assim. O cara meteu uma telha com uma calha que leva um cano pra desaguar, entende? Então esse tipo de coisa é inadmissível pelo seguinte, tem uma lógica, e eu não estou falando da USP, que isso fique claro, a situação específica é, mas existe uma lógica que é de produzir ciência e ter um ambiente acadêmico fortíssimo mas que você não vincula com a sua prática, com o teu cotidiano. Isso tem um pouco a ver com o que eu falei da escola, no relato da escola, que uma professora me marcou porque me ensinou que cloreto de sódio é sal de cozinha, porque eu aprendia como cloreto de sódio e hoje não mais, mas até pouco tempo atrás eu cantava as musicinhas das fórmulas. Entendeu? Mas eu não sabia que cloreto de sódio era sal de cozinha. Eu fui aprender o Teorema de Pitágoras, o que significa o Teorema de Pitágoras no quinto ano da faculdade de Psicologia. Vocês sabem por que o Teorema de Pitágoras é o quadrado da hipotenusa e a soma do quadrado dos catetos? Tá vendo? Isso não pode, cara, isso não pode acontecer em processo educativo. Sabe por quê que é? Como que a gente calcula a área do quadrado? Lado vezes o lado. A gente tem lá, se é a, a ao quadrado, certo? Imagina um triângulo retângulo, certo? Se você projetar e formar três quadrados você tem a área dos dois quadrados menores, que são os catetos é igual à área do quadrado maior que é a hipotenusa, por isso que o Teorema de Pitágoras é assim. O quadrado da hipotenusa, ou seja, essa área projetada de um lado do triângulo é igual à área dos outros dois menores. Só que se eu falar pra vocês qual é o Teorema de Pitágoras vocês não me dizem qual é? Só que a gente não sabe por que, entende? Então isso tem a ver com aplicabilidade das coisas, que a gente precisa pensar num sistema educativo, não só escola formal, mas que relacione isso. Eu acho inconcebível a gente ter uma estrutura dessa e o Cepeusp não ser o maior centro de desenvolvimento de pesquisa no esporte no país e talvez do mundo, não dá pra entender, entende? Então esse tipo de coisa. E eu digo com segurança que não é pra ficar criticando só não, essa galera do PRODHE aqui representa um oásis, cara. Era para o diretor do Cepeusp, não o atual, eu não estou falando de cargos e funções, era para o diretor do Cepeusp estar presente em reunião em Brasília pra discutir o sistema nacional do esporte. Porque, cara, eu sou o diretor do maior centro de referência de pesquisa e de desenvolvimento do esporte do país, eu preciso estar aqui. Não tá porque não é, entende? Então isso eu acho que é algo a se pensar e a tentar transformar.

P/1 – Isso te incomodou, pra você sair.

R – Certamente. Porque assim, eu num gás imenso de, cara, produzia a psicologia do esporte, pô, estudar. Imagina isso, eu estou fora há quase dez anos já, de estudar, de fazer e não sou eu, eu daquela época que estava aqui, mas tem muita gente. Poxa, com essa estrutura, com equipes, você tem sujeitos pra pesquisar, pra desenvolver, pra pensar e você pode crescer e você pode transformar, mas você não tem eco, né? Então isso foi um dos principais motivos, na verdade o principal, pra que, você fala: “Bom, se não dá mais pra seguir aqui, beleza, vamos tentar seguir em outro lugar”, foi esse o motivo.

P/1 – Queria voltar um pouquinho, você diz que você se casou. Quando é que foi isso e como é que você conheceu a sua esposa?

R – Cara, então, é uma outra coisa interessante daqui porque eu conheci a Paula aqui, quando eu entrei pra trabalhar como estagiário ela era educadora no basquete, a gente fez um rodízio ali pra conhecer as modalidades e escolhi o futebol e você passa a conviver, inevitavelmente reuniões, planejamento, cotidiano de trabalho. E conheci a Paula aqui.

P/2 – Você lembra do dia que você viu ela?

R – Lembro (risos). Eu lembro, foi nesse rodízio mesmo. Porque eu não lembro se era o primeiro dia ou se era o dia anterior a começar, que foi uma apresentação e tal e vi, o primeiro dia eu lembro de quando a vi. Mas não é essa coisa de amor à primeira vista. Na verdade acho isso meio fantasioso demais pra mim porque você vai gostar a ponto de se enamorar e casar com uma pessoa a partir do momento que você convive, né cara? O amor à primeira vista, eu costumo brincar assim, o amor à primeira vista só é à primeira vista depois que você conhece, aí ele virou amor à primeira vista porque antes (risos). Mas enfim. E daí na convivência profissional você acaba conhecendo um pouco mais. Então muitas vezes a gente brincava que agradecia ao Ayrton Senna porque se não existisse o projeto eu não conhecia a Paula, não teria os filhos, etc. Mas a conheci, depois a gente começou a namorar, a gente casou em 2001, 2002, acho que 2002 porque a gente faz 15 anos de casados ano que vem, 2016, não é isso? 2003, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 2001. 2001 quando a gente casou.

P/1 – Vocês têm filhos?

R – Temos, dois filhos. O Emanuel vai fazer nove em novembro, tem oito. A Luísa com seis, faz sete em fevereiro.

P/1 – E como é que foi ser pai, como é que foi o parto?

R – Cara, ser pai é uma experiência única mesmo. O parto do Emanuel foi bem particular porque o Emanuel nasceu com 35 semanas, dá oito meses, ele não terminou o que apresentam a termo, né, que é o período que pode nascer é de 37 a 42, normalmente nasce 38, 39, 40. E eu estava mexendo no quarto dele, tinha umas rachaduras na casa, eu fechei as rachaduras, coloquei uns negócios, tinha trabalhado o dia inteiro nisso, ia pintar no dia seguinte. E eu lembro direitinho, eu fiz isso, tomei um banho, desci pra encontrar com a Paula e ela estava deitada, com muito sono, vendo televisão. E eu literalmente sentei na poltrona ao lado dela pra ver televisão, acabado, eu sentei e falei: “Nossa, cara, até que

enfim eu consegui acabar”. E ela levanta cara e fala: “Meu, acho que estourou a bolsa”. Eu achei que ela estava brincando, porque eu tinha literalmente acabado de sentar. Aí eu olhei assim e falei: “Meu, estourou a bolsa”. Quando eu olhei um bando de água. Eu falei: “Cara, como assim?”, aquela coisa, vai ao banheiro, o que está acontecendo, tal. Aí eu liguei pro médico, contei pra ele o que tinha acontecido, e era um médico muito tranquilo, ele falou: “Não, Zé, fica tranquilo porque isso acontece, que às vezes sai o que a gente chama de tampão, escorre um líquido e para, isso vai mais uma semana, duas, tranquilamente. Faz o seguinte, você está mais ou menos com o enxoval?” “To” “Bota aquelas fraldinhas, fraldinha de pano, aquelas que você usa pra limpar o bebê, não babador, mas aquele pano maior, né? Pede pra Paula colocar uma (corte). Coloca esse fraldinha e me diz o volume de líquido que sai nos próximos”, não lembro exatamente, “nos próximos cinco minutos”. Cara, não tinha a menor condição de colocar fraldinha nenhuma, cara, porque escorria líquido. Aí eu desliguei o telefone meio assustado, aí sabe quando você para, cara, não dá, né meu, não rola fazer o que ele falou. Aí eu já liguei na sequência pra ele e eu falei: “Sabe o que é, doutor, é que não dá pra por fralda, cara, está escorrendo líquido, não dá pra esperar cinco minutos”. Ele: “Ah, é? Então faz o seguinte, pega a Paula e vai indo pra maternidade que eu já vou”. Eu falei: “Porra, não é possível, cara”. Aí a gente foi e o Emanuel nasceu, isso era fim de tarde, começo de noite, umas sete horas, sei lá, Emanuel nasceu de madrugada. Então foi um, já chegou chegando, eu falo pra ele. E daí aquela coisa, fica em incubadora, pouco tempo, por causa de não ter nascido e tal, mas nenhum problema, tudo certo. E a Luísa nasceu no período certo mas a gente estava com a expectativa de fazer um parto normal, o do Emanuel foi cesárea, de fazer um parto normal, acompanhamento médico, tal, ele desmistificou ao longo da gestação que essa coisa fez uma cesárea não pode ter parto normal mais, ele falou: “Ih, já fiz vários”. Só que no processo lá quando a Paula entrou em trabalho de parto, quando estava no processo ali rolou uma pequena complicação que ele falou: “Cara, não estou gostando muito do que está acontecendo, acho que é melhor a gente mudar a via de parto e fazer outra cesárea”. Então com a Luísa aconteceu tudo normal, teve essa pequena frustração porque a Paula queria muito, eu também, a gente estava numa, os dois nasceram na Pro Matre e a gente estava numa sala que tem na Pro Matre que é de parto humanizado, então você podia ter ali, podia ter na banheira, é um espaço relativamente amplo, então eu ficava junto, o médico, então o cara era um cara muito bacana, não tinha aquela coisa de sala de cirurgia e tal e daí teve que ir pra sala de cirurgia. Mas no final tudo tranquilo, os dois super saudáveis.

P/1 – Como é que eles são, eles gostam de esporte?

R – Gostam, cara, não tem muito como não gostar, né, porque a gente não fica forçando barra de tem que fazer, mas o cotidiano de casa é esse. Então, por exemplo, eu atendo alguns atletas. Então é parte do meu trabalho, por exemplo, assistir jogos que os caras estão participando. Às vezes eu vou ao local, às vezes não dá, tá passando na televisão, então eu estou assistindo. Eu jogo bola. Aí está lá no clube, aí o Emanuel: “Pai, deixa eu ver o teu jogo”, vai ver o jogo. Então eles vivem esse cotidiano, né? Se fosse um só, talvez, mas são os dois. Então, a Paula: “Ah mãe, você vai viajar?” “Vou” “Pra onde você vai, mãe?” “Vou pra Brasília” “O que você vai fazer em Brasília?” “Ah, vou falar lá com o Ministro do Esporte”. Então, não tem como, ainda bem que eles gostam, mas a gente toma um cuidado pra não ficar aquela coisa de: “Meu, vai jogar, tem que jogar, vai fazer isso, vai fazer aquilo”. É: “Experimentem, vão aí, vai gostando e vai praticando”. A única exigência que a gente fez é adaptação ao meio líquido, aprenderam a nadar. A menina está querendo continuar um pouquinho, o moleque se vira nadando e falou: “Pai, não quero mais nadar”, quis jogar tênis, foi jogar tênis. Mas isso aí foi a única coisa que a gente falou e explicou por que, falou: “Meu, não tem condição de você cair na piscina e não saber sair”. Então piscina, mar, qualquer lugar. Mas foi a única exigência. Aprenderam a nadar, agora escolhe o que quer.

P/1 – E você, o que você foi fazer depois que você saiu do PRODHE?

R – Putz, cara, agora vai ser difícil, hein?

P/1 – Não logo, mas agora.

R – Eu tenho uma empresa de consultoria, assessoria e consultoria em esporte e psicologia. Eu, a Paula e um amigo meu, sócio nosso, que é psicólogo também. Essa empresa está fazendo dez anos, ela já existia. Então, na verdade o que eu fiz foi já continuar trabalhando com ela. Eu não lembro exatamente que coisas eu fiz, mas dentre elas já atendimento de equipes, de atletas. Por conta disso fiz há pouco tempo uma consultoria com a Unesco do desenvolvimento de referenciais para um programa esportivo municipal junto à Secretaria Municipal de Esportes aqui de São Paulo. Putz, várias coisas. Várias modalidades, basquete, triatlon, supervisão de profissionais que estão começando na carreira de psicologia do esporte. Então, entram num clube, por exemplo, não sabem muito bem como fazer, então pedem a supervisão pra auxiliar, acompanhar trabalho. Dar aula em curso de formação de psicologia do esporte, um curso de especialização que tem no Sedes Sapientiae aqui em Perdizes, várias coisinhas.

P/1 – Quería perguntar pra você o que você acha é o seu sonho hoje em dia, o que você tem de expectativa pro futuro agora?

R – Mas em relação a quê? A trabalho, especificamente? Ao mundo, geral, o quê?

P/1 – Acho que em geral, assim.

R – Cara, em geral, em geral, como sonho eu queria que a sociedade brasileira fosse mais igualitária em relação a direitos e deveres de todas as pessoas, acho que esse é o meu maior sonho. Porque eu acredito que a partir daí vários outros sonhos, não vou chamar de menores, eles vão se realizar, eles vão se concretizar. Por exemplo, eu acho inadmissível que a gente tenha, só pra pegar exemplos mais recentes, essa relação estabelecida, por exemplo, entre o Presidente da Câmara, do Senado e da República, de ameaças diretas de: “Se me denunciarem eu acabo com...”, isso é o fim da picada pra mim, porque é o cara dizer assim: “Eu tenho culpa mesmo, mas presta atenção no que eu for falar porque se eu for você vai também”. E beleza, o cara continua presidindo a Casa, tranquilo, né? Hoje eu parei pra comprar um negocinho pros meus filhos antes de vir pra cá, na padaria, é que eu não guardei a revista, não lembro se era Veja, não quero dar o crédito errado, mas o Eduardo Cunha tem a foto dele e uma fala: “Tem um bando de aloprados no Planalto”. E está tudo tranquilo. Aí eu fico pensando assim, o cara é o Presidente da

Câmara, ele fala isso, né, e daí tem uma relação. Nós, meros mortais, como é que fica? A gente vai até a padaria e olha a capa, o Presidente da Câmara dizendo que tem um bando de aloprado no Planalto. E a gente sabe que ele e esse bando de aloprados nos governam. E beleza, eu continuo indo pra padaria lá e falo: “Olha, você me dá meia dúzia de pãezinhos”, e está tudo certo. Então eu acho que o grande sonho é esse, a gente não tratar, porque isso é desigualdade de direito e dever, se eu falo isso eu vou preso. Se eu vou no meio de comunicação, uma revista de alta circulação e falo que o Presidente da Câmara é um aloprado eu provavelmente vá preso. Por quê? Por que a gente pode ter toda essa questão dos crimes de lesa pátria com delação premiada e se eu assaltar a padaria que eu fui hoje com meus filhos porque eu estou com muita fome eu não posso dizer de outras pessoas que roubam no bairro e amenizar a minha pena. Eu não tenho esse direito. Por que não? E eu estou pegando uma parte de coisas recentes, se a gente for falar de moradia, educação, aí acabou, né? Por que a gente não tem um sistema de educação pública que tenha qualidade? Por que só os particulares, as escolas particulares. E outra, ainda há uma seleção grande nas escolas particulares, né? Você pega escolas de nível AA, meia dúzia delas, elas vão colocar os alunos em grandes faculdades, em grandes profissões, que vão continuar comandando o país porque o nível de ensino é absurdo, é absurdo. Eu tenho níveis diferentes de ensino, de qualidade de ensino, de especificidade do meu sobrinho pro meu filho. O meu sobrinho estuda no Santa Cruz, os meus filhos estudam no Carandá na Vila Clementino. O meu sobrinho, ele conversa sobre Weber, ele está no segundo ano e tem isso na escola. Como é que faz, cara, na hora de prestar um vestibular? E eu não estou falando de conhecimento sobre Weber, eu estou falando do que ter conhecimento sobre Weber gera em alguém, por exemplo. Como é que o cara da escola pública compete com meu sobrinho? Quem vai comandar a sociedade, o cara da escola pública ou meu sobrinho? Simbolicamente, óbvio, mas entende? Quem tem dinheiro pra pagar o Santa Cruz?

P/1 – Queria te perguntar o que você achou de contar a sua história hoje pra gente.

R – Porra, cara, muito bacana reviver todo o processo e poder falar sobre ele. Foi muito legal, eu gostei muito. E além de reviver tudo isso, contar toda essa história é reviver quem eu sou hoje, né? Então isso é muito legal, foi uma oportunidade bacana, gostei de estar aqui.

P/1 – Está certo. Obrigado, viu Zé, foi ótimo.

R – Obrigado vocês. Valeu.